

Sociedades Recolectoras: Caça, Pesca, Floresta

Há 15 mil anos o Mundo era alvo de uma transformação radical, à medida que os glaciares recuavam na Eurásia e na América do Norte. As temperaturas do Globo tinham subido desde o ponto mais frio da última glaciação (há cerca de 20 mil anos) para, em 8 000 a. C., atingirem quase praticamente o seu nível actual. A fusão dos glaciares fez com que o nível do mar subisse cerca de 100 metros. Esta água inundou terras baixas secas, como o estreito de Bering, o golfo de Sião, o mar do Norte e o estreito de Torres (entre a Austrália e a Nova Guiné). À medida que o clima melhorava, as plantas e os animais colonizavam zonas cada vez mais extensas, incluindo regiões da África, da Europa e da América do Norte, que anteriormente se encontravam desabitadas. A perda de terras foi compensada pela existência de recursos abundantes nestes territórios.

Foi sob estas condições climáticas que as Américas foram totalmente colonizadas. Os grupos de caçadores-recolectores, penetrando pelo sul dos glaciares, disseminaram-se pela América do Norte. Em 11 000 a. C. os seres humanos já se encontravam na América do Sul, como pode ser constatado por uma colónia em Monte Verde, no centro do Chile, onde se detectaram restos delareiras e abrigos.

Nos continentes meridionais da África e da Australásia, as alterações climáticas transformaram zonas desertas em pradarias, tornando-as atractivas para os caçadores-recolectores. Tanto na África como na Austrália, a tradição de arte rupestre, que se tinha afirmado nos séculos anteriores, continuou a florescer. Esta arte também nos permite vislumbrar as actividades na Ásia setentrional durante este período.

No Médio Oriente ocorreram as primeiras alterações mais marcantes deste período. O trigo e a cevada em estado selvagem eram originários dos planaltos do Sul da Turquia e do Crescente Fértil, uma vasta área de terra que se estendia desde o Sul do Levante (costa de Israel) até aos montes Zagros, a sul do mar Cáspio. As populações desta zona colhiam estes cereais desde cerca de 17 000 a. C. e usavam mós para os triturar e transformar em farinha. Em 13 000 a. C., os sucessores destas comunidades, o povo natufiense (o nome deriva do local de Wadi en-Natuf, em Israel), colhiam cereais selvagens de uma forma ainda mais intensiva. A vida nómada dos grupos de caçadores-recolectores, que se deslocavam de uns lugares para outros a fim de explorarem recursos sazonais, foi-se tornando gradualmente mais sedentária, à medida que se tornavam mais dependentes das variedades de plantas cultivadas.

Na Europa, o nono milénio a. C. assistiu ao culminar de profundas alterações ambientais que mudaram as condições sob as quais tinham florescido, de uma maneira estável, as comunidades de caçadores da última glaciação. O seu sistema de vida terminou. Produziram-se novas e variadas adaptações económico-sociais devido à modificação da paisagem, verificou-se um aumento das temperaturas, a expansão dos bosques e uma maior diversidade da fauna. Explorou-se um ampla série de recursos - alimentos vegetais, pássaros, peixes, mamíferos marinhos e moluscos; o controlo sobre eles podia ser inclusivamente denominado produção de alimentos. Os acampamentos continuavam a ser, na sua maioria, eventuais, mas já se tinham desenvolvido bases permanentes, e ainda que as comunidades continuassem a ser pequenas, não deveriam ser consideradas simples ou autónomas. Em áreas particularmente bem dotadas de recursos alimentares, os acampamentos eram mais numerosos e alguns deles eram ocupados durante todo o ano, deslocando-se pequenos grupos para outros mais especializados em determinados recursos. Estes grandes e permanentes acampamentos situavam-se normalmente junto da costa ou de grandes rios, especialmente na

Europa Ocidental (os concheiros de Muge e do Sado são disto bom exemplo). Apesar desta reduzida mobilidade, os grupos locais mantinham-se em contacto, permitindo a rápida disseminação dos novos utensílios e ideias. O desenvolvimento das necrópoles e dos intercâmbios em grande escala de artefactos fazem supor a presença de relações sociais complexas. Este sistema de vida desenvolveu-se entre o sétimo e o quinto milénio e, ainda que mais tarde tivesse sido substituído por uma economia baseada em cereais de origem não europeia, não deve ser considerado como um mero interlúdio.

A principal alteração tecnológica no Mesolítico foi o aumento da utilização de micrólitos em sílex, encabados em osso ou em madeira, e no uso de pontas de seta, facas e outros artefactos compósitos. Estes utensílios ajudaram os caçadores-recolectores deste período a explorar uma grande variedade de recursos alimentares.

A maior parte dos pequenos aglomerados, considerados "acampamentos de extracção", parecem corresponder também a uma ocupação transitória. Este tipo de movimento sazonal teria sentido do ponto de vista ecológico, uma vez que permitia explorar recursos mais abundantes em cada época do ano (não só animais) e seguir algumas espécies animais, como o veado, que tende a mudar periodicamente o seu território. Os sistemas de caça de grande escala podem ter sido mais importantes que a caça individual por vigilância. As áreas de dispersão de sílex nas colinas do centro de Inglaterra são consideradas testemunhos verdadeiros de uma actividade comunitária relacionada com o primeiro tipo de cinegética. Decididamente, a caça não era um processo ocasional ou levado a cabo de forma totalmente oportunista. Podiam existir outros tipos de relação entre o Homem e os animais que necessitavam de maior controlo ou de um contacto mais estreito. Neste sentido é sugerível o provável uso da hera como forragem nos jazigos do Sul de Inglaterra, ainda que pudesse tratar-se de um chamariz. Este tipo de actuação seria compatível com a caça organizada e com o controlo cada vez maior dos movimentos dos rebanhos, feito que dificultava o estabelecimento da diferença entre "a caça" e outras formas de exploração dos animais. Os estudos etnográficos dos caçadores-recolectores modernos demonstram a existência de uma correlação positiva entre o aumento da latitude e a dependência da carne. É lógico que as primeiras comunidades pós-glaciares exploraram os recursos vegetais, cada vez mais abundantes no seu meio ambiente, desde as ervas com sementes do Sul da Europa, às raízes, frutas e nozes da Europa temperada. Há pouca evidência directa, mas restos de avelãs são frequentes nas fossas ou nos níveis arqueológicos, encontram-se castanhas em diversos jazigos do Norte da Europa e o lírio amarelo nos jazigos de Homegaard. Em Star Carr recuperaram-se resíduos de várias espécies comestíveis, incluindo as anteriormente mencionadas, os feijões de pântano, os espinafres e as urtigas.

Os restos de peixe não foram recolhidos de uma maneira sistemática, mas existe uma ampla variedade em registo arqueológico. O salmão é um importante peixe de rio no Norte da Europa tendo sido encontrados em depósitos de ocupação junto ao rio Bann, em Newferry, os quais reflectem possivelmente uma grande exploração. Os recursos piscícolas podem ter sido importantes nas zonas costeiras e em vários sítios encontrou-se uma ampla variedade de espécies: em Morton, Escócia, bacalhau, badejo, rodovalho e salmão; em Cap Ragnon, Sul de França, atum, mero, sargo e outros; na gruta Franchthi, peixes grandes e pequenos. Os peixes maiores eram provavelmente capturados mar adentro.

Explorava-se uma ampla variedade de recursos, mas no que respeita aos animais, a caça era talvez selectiva e organizada. Existia um período de máxima abundância dos recursos, durante o qual estes eram recolocados por um sistema de exploração puramente predatório. Dada a natureza do mundo

vegetal e animal, este processo implicava o movimento dos grupos humanos em cada estação até àqueles pontos onde se concentrava a maior quantidade de alimentos. Estas incursões efectuavam-se em grande escala nas áreas de relevo mais abrupto e a sua envergadura não seria tão grande nas zonas de menor relevo e diversidade topográfica. Esta possibilidade parece apoiada pela presença de acampamentos sazonais. Através da exploração temporária de fontes repetidas de recursos, as comunidades podiam manter o equilíbrio com o seu meio ambiente, com densidade de mais de uma pessoa por cada 10 km². A última adaptação pós-glaciar, a adopção de uma economia baseada nos cereais e nos animais domésticos, considerou-se derivada de uma zona não europeia, mas podia contemplar-se em muitos sentidos como uma solução lógica para os problemas indígenas autóctones. De qualquer maneira, é arbitrário diferenciar a Europa de outras áreas e não há a menor dúvida de que no Próximo Oriente ocorriam processos semelhantes. Não obstante, ainda que a produção de alimentos procedesse do exterior, não se pode negar a possibilidade de se estarem a desenvolver formas indígenas de produção de alimentos. Algumas regiões tinham uma maior concentração de população no Verão e outras nos acampamentos invernais. Existe uma confusão potencial entre os movimentos de curto alcance num território doméstico favorável e a mobilidade sazonal em grande escala. A transferência estival para zonas altas tinha importância, mas se compararmos com a transumância da época anterior não deve ter constituído, seguramente, uma parte dominante da estratégia económica de toda a população. Assim, deveria considerar-se que os concheiros e outros jazigos costeiros (em contraste com o modelo de "pressão" mencionado anteriormente) utilizavam todos os recursos disponíveis para manter um acampamento permanente. Este último alcançar-se-ia também devido a um maior controlo dos recursos. Por outro lado, poderíamos aceitar a existência de relações sociais tendentes a uma maior sedentarização, por analogia com a cultura natufiense e outras do Próximo Oriente, onde a vida sedentária precedeu o desenvolvimento da produção de alimentos. De uma maneira geral, supõe-se que havia pouca diferenciação social nas comunidades durante este período e considera-se a organização social, tal como a ocupação, uma variável dependente da economia. Podem dar-se boas razões para este ponto de vista: as condições de busca de alimentos dentro de uma variedade de recursos, a grande mobilidade humana e a baixa densidade demográfica, a falta de riqueza armazenável ou de fontes permanentes de alimentação, a falta de especialização artesanal junto ao domínio generalizado da tecnologia existente e, por último, a falta de territórios fixos. Todos estes elementos tendiam a dificultar o estabelecimento de diferenciações constantes.

A maior parte das necrópoles conhecidas são tardias e nos seus túmulos encontram-se homens, mulheres e crianças. Os enterramentos efectuavam-se, geralmente, em fossas simples, frequentemente destacadas por ocre, pedras grandes e a maior parte dos corpos aparecem com artefactos.

Alguns consideram também que as comunidades mesolíticas tardias da Europa atlântica terão sido responsáveis pela construção dos primeiros túmulos megalíticos. Subsiste, no entanto, a possibilidade de o seu aparecimento se dever a tradições indígenas de enterramento e a uma alteração social acelerada, marcando talvez um maior sentido territorial e certo grau de diferenciação social.

(in <http://www.infopedia.pt>)